

MEMÓRIAS DE UM SECRETÁRIO DO DR. ALCEU

*João Etienne Filho
Academia Mineira de Letras*

Quando, no dia 14 de agosto de 1983, correu a notícia da morte de Alceu Amoroso Lima, em Petrópolis, pode-se dizer, quase com certeza absoluta, que uma comoção geral se abateu sobre todo o Brasil. Os católicos logo verificaram que, tendo a morte se dado após as 18 horas, segundo a contagem judaica, ocorrera no dia 15, festa de Nossa Senhora da Boa Viagem. E isto lembrava que, no mesmo dia do ano de 1928, recebera ele a primeira comunhão, após sua conversão, das mãos do Padre Leonel Franca, um dos dois brasileiros que mais concorreram para uma total mudança em sua vida. Interessante, diga-se de passagem, que diz não ter sentido a emoção que era de se esperar, conforme relata ele próprio, a Jackson de Figueiredo na carta que então lhe dirigiu e que se encontra em *Harmonia dos Contrastes*, correspondência completa de Jackson e Alceu.

Mas é preciso voltar à grande comoção a que nos referimos, que se apoderou de todo Brasil no momento de sua morte. É que Alceu se tornara o maior arauto da liberdade em nosso país. Esquerda e direita, católicos e não-católicos, enfim, todo mundo sentiu que se despedira do nosso convívio humano a maior figura, não apenas das nossas letras, mas também o mais importante defensor dos direitos humanos do Brasil.

Seu sepultamento, no dia seguinte, foi uma comprovação de tudo o que dissemos. E quando Irmã Maria Teresa, Abadessa do Mosteiro Beneditino de São Paulo, nos relatou os seus quatro últimos dias, que ela teve a feliz idéia de registrar, depois da morte, a emoção aumentou

mais ainda. Aí então tomamos conhecimento do terrível sofrimento que a doença mortal lhe tinha proporcionado. Lembrei-me de uma página de Jacques Maritain, na qual, baseando-se ele no fato de não haver nenhuma definição da Igreja quanto ao local e à duração dos sofrimentos do purgatório, conclui que, para muita gente, o purgatório pode ocorrer ainda aqui na terra, e em vida plena e lúcida de quem tenha de pagar, antes da visão definitiva de Deus, os pecados devidos por aqueles que estão a morrer.

Toda essa comoção se reitera neste ano de 1993, na oportunidade das comemorações do 10^o aniversário da morte de Alceu e no centésimo ano do seu nascimento. Lembra-me uma idéia que me ocorreu logo depois de sua morte, que eu penso classificar de tragicômica. Pensei cá comigo: se Deus me conceder vida e saúde, em 1993, creio que serei muito procurado pelas revistas culturais, por jornais e pela televisão. É claro que logo acrescentei, numa espécie de condenação à minha vaidade: não é pelo meu nome que serei procurado, mas tão-somente por ter sido secretário particular dele que isto irá ocorrer. Tenho verificado que minha previsão tinha sua razão de ser. O convite de uma revista como esta, de tamanha importância para a filosofia no Brasil, me deixou, aliás, meio transtornado. Custei a acreditar no que me disse o Pe. Marcelo Perine, ainda mais que partira do Pe. Henrique Cláudio de Lima Vaz, que eu já admirava há bem tempo e a quem fui apresentado há um ano, em Ouro Preto, quando lhe foi oferecido o título benemérito do Grêmio Literário Tristão de Ataíde. Realmente sobre o Dr. Alceu posso dizer algo, não apenas pelo secretariado que exerci, mas sobretudo por ter-me tornado um amigo certo, não apenas dele, mas de toda a sua família, como também em várias ocasiões cheguei a ser mesmo seu confidente. Devo esclarecer que na minha cultura geral sou quase que completamente analfabeto em Filosofia... Uma falha grave, que devo à tremenda dispersão que, desde muito tempo, predomina em minha forma de estudos. Enfim, posso dizer humildemente que da Filosofia sei apenas aquele mínimo necessário às pessoas de bem. E mais um fator contra: o mesmo acontece em relação ao conhecimento da vida do grande Inácio de Loyola e de tudo quanto tem feito, em todos os setores do saber, bem como as numerosas figuras importantes da Companhia de Jesus. Felizmente, entre os dons que a Providência Divina me tem concedido, está a audácia para tentar conciliar até o que a princípio pensei estar entre as coisas impossíveis de fazer. Eis por que estou a me empenhar, neste Editorial, com a confiança em Deus e na esperança de que o generoso auxílio com que o Dr. Alceu sempre me tratou continue a se exercer sobre o seu tantas vezes incapaz secretário particular...

Por falar nisso, ocorre-me repetir uma resposta que muitas vezes já tive de dar a quem me perguntou como conseguira eu chegar a este ponto. A história tem seu lado humorístico e aquele toque gostoso, a que se referia Mário de Andrade, quando lhe ocorria algo a deixar escrito em

suas maravilhosas cartas. Depois que entrei para o jornal católico de Belo Horizonte, e de me ter feito correspondente de cartas a Alceu Amoroso Lima, cartas a que ele nunca deixou de responder, no meu jornal, sempre que ele ia a Belo Horizonte, meu redator-chefe (sabem quem era? Simplesmente Edgar de Godoi da Mata Machado, a quem homenageamos com tanto carinho, pelos 80 anos e na divulgação de seu felicíssimo livro de memórias) me incumbia de ficar por conta de sua visita. Em uma dessas vezes, em que ele se demorou por um tempo maior, foi-lhe preparado um programa intensíssimo, programa este a que ele não faltou mesmo no menor detalhe. Num desses programas, o almoço que lhe ofereceu um grande amigo, demorou bem mais tempo do que se calculava. A certa altura, percebendo ele que iria atrasar-se para a visita seguinte, chamou-me de lado e pediu: "Dê um telefonema para o colégio tal e peça-lhes que me perdoem o atraso". Ao que eu respondi: "Já telefonei, Dr. Alceu". "Mas após o colégio, temos um horário marcado para uma visita ao reitor da UFMG." E minha resposta foi: "Também já telefonei para lá". Ao que ele retrucou: "Mas você está me saindo um secretário perfeito. Se vier a mudar-se para o Rio, vai ser meu secretário". Esta conversa terminou num generoso sorriso dele e no meu agradecimento ao elogio tão espontâneo e generoso. O interessante é que, até aquela época, nunca me ocorrera a idéia de mudar-me para o Rio...

Mas é como diz o ditado: "O homem põe e Deus dispõe". Em 1946, estando os redatores todos reunidos, Mozart Neniconi, nosso diretor, chegou à redação e lançou a informação e a pergunta: "Estamos precisando de um de vocês para representar 'O Diário' na cobertura da Constituinte no Rio. Algum de vocês se apresenta?" Quase sem querer, e sem pensar muito, eu levantei o braço e respondi: "Eu me candidato". E imediatamente fui indicado. Mas o que ia ganhando era bem pouco. De modo que, no dia seguinte ao que cheguei ao Rio, telefonei para o Dr. Alceu e lhe disse que ali estava residindo, ao que ele marcou logo o dia imediato, para assumir a secretaria lá na Praça 15, já na função de trabalhar com ele diretamente.

Contando este fato diversas vezes, sempre usei (desculpem) de uma modéstia exagerada, dizendo que fui o "pior secretário" da figura ilustre a quem prestava com muito orgulho e amor meus poucos serviços. Revendo hoje o que fiz, repito que minha adjetivação é exagerada, pois tive a oportunidade de fazer coisas importantes e a elas me entregava com devoção e entusiasmo. Se não entro em maiores detalhes, é que já vai longo este depoimento e ainda tenho muita coisa a dizer.

O Dr. Alceu, tanto não achava que eu não era tão imprestável assim, poucos dias depois me pedia aceitar o fabuloso ofício de ser seu professor assistente na cadeira de Literatura Brasileira, em duas faculdades nas quais lecionava: na Católica (que mais tarde seria a PUC do Rio) e na Santa Úrsula. Em ambas lecionei um ano inteiro de cada vez. E

nos outros quatro anos dei cursos de uma, duas, três semanas, sobre o tema que ele indicava. No trabalho mais individualizado, eu passei a ser uma espécie de secretário da revista "A Ordem", de que ele era o diretor, tendo sido o responsável por dois números especiais: um dedicado a Jacques Maritain e outro a Bernanos. De certa vez, como algumas cartas traziam com destaque a observação "confidencial", entreguei-as para que ele lesse. Perguntou-me então: "Por que não as abriu?" Ao que respondi: "Não estavam registradas como confidenciais?" E a conclusão final dele: "Mas você não é o meu secretário? E de onde vem esta palavra secretário? Não é de secreto? Por favor: leia todas as cartas que chegarem para mim".

De outra vez pediu-me uma carta ultra-especial ao grande escritor português Fidelino de Figueiredo. Queria transmitir-lhe um pedido de desculpas por um desentendimento que havia ocorrido entre ele e a livraria Agir. Caprichei nesta carta e entreguei-a sem o envelope. Quando vi que ele ia assinar sem ler, insisti em que lesse, e ele acabou lendo e me exclamou carinhosamente: "Veja você, eu não teria escrito de maneira tão precisa o que eu mesmo lhe havia pedido". Daí por diante, nunca mais deixei de ler sua correspondência e muitas vezes respondi diretamente, pois aprendera a imitar sua forma de assinar o prenome. Ah! Esquecia-me de dizer que me ficou na lembrança o fato de ter aceito sua indicação para ser seu assistente na cadeira da qual ele sempre foi a maior autoridade no Brasil. Só depois é que me dei conta de que era uma autêntica temeridade o fato de um simples iniciante aceitar substituir um mestre da altitude dele. É verdade que tive ajuda verdadeiramente providencial e fantástica: uma ex-aluna dele, que atuava permanentemente no Centro Dom Vital, me emprestou um caderno de História da Literatura Brasileira, anotações de aula do Mestre Alceu, de quem tinha sido aluna. Anos mais tarde, deixou-me ele um bilhete pedindo que eu lhe emprestasse as minhas notas sobre a nossa literatura para ele usar num curso que teria de dar na Sorbonne. Ao que eu lhe respondi que tudo o que eu sabia vinha da leitura dos volumes dele sobre o tema. E tive mais um caderno que Regina, uma grande e eficiente freqüentadora do Centro, trabalhando constantemente em tudo o que ali se fazia, me emprestou. De fato eu havia tomado gosto pelo estudo e aprofundado na Literatura Brasileira de sua obra, sempre procurando adquirir os livros que haviam recebido destaque maior.

De outra feita, ao entrar em sua sala, pediu-me que a fechasse, pois tinha um grande assunto que queria tratar comigo e que o estava deixando muito preocupado. Cheguei a temer que fosse algo muito estranho, pois tinha expressado no rosto um aspecto nervoso. Coloquei-me logo ao seu dispor e cheguei até a achar engraçado o que ele me expôs: estava apavorado com a sugestão que recebera de alguns amigos: queriam que ele fosse candidato a senador por um partido político,

repetindo o seu horror de vir a participar da política militante, ao que eu lhe respondi que não me parecia nada grave o problema, bastando que ele se recusasse à pretensão, podendo até indicar um nome à altura para substituí-lo. Readquiriu a tranqüilidade e logo aceitou a minha sugestão para indicar a grande figura de Hamilton Nogueira, que acabou sendo eleito.

Como é fácil verificar, este pequeno depoimento está sendo elaborado ao sabor das memórias que me ocorrem, não obedecendo muito à ordem natural de uma biografia ou de memórias rigorosas, elaboradas com preocupação cronológica. Não me referi ainda ao casamento de Alceu com D. Maria Theresa de Almeida Faria, irmã do já grande escritor Octávio de Faria e cunhada do renomado romancista Afrânio Peixoto. D. Maria Theresa foi uma esposa ideal e depois teve conhecimento de que ela sempre procurou se ofuscar em função do seu marido, o que não teria sido necessário, pois o brilho de Alceu já tinha começado. Aliás, o casamento ocorreu no mesmo ano em que conhecera Jackson de Figueiredo, diferente dele sob muitos aspectos, mas cujo casamento com D. Laura foi bastante igual ao de Alceu. Fato curioso: embora amicíssimos, Jackson e Alceu muito pouco se encontraram pessoalmente, ao longo do convívio de quase vinte anos, mas como se encontravam através de cartas, muitas vezes escritas duas ou até mesmo três vezes por dia. Alceu encomendava livros à livraria de Jackson; Jackson ia como que catequizando Alceu, que vinha sendo tentado à conversão já desde alguns anos.

Sobre este tema da conversão de Alceu, sob a inspiração de Jackson e do Padre Leonel Franca, deixo de falar aqui, não só porque houve outros brasileiros ilustres que também contribuíram para a mudança, como não poderia omitir também a total importância do Arcebispo de Nova Iorque, Fulton Sheen, cujo livro, *God and Intelligence*, foi o que de fato teve a maior importância, com o famoso prefácio de Chesterton.

Alceu formou-se em Direito em 1913, mas pouco tempo permaneceu no exercício da profissão de advogado. Foi industrial, mas sabe-se que a Literatura já vinha exercendo atração sobre ele desde a adolescência. Influência de seus professores e, evidentemente, dos dois ilustres cunhados. Dirigiu um jornal na Academia de Direito. Mas sua primeira publicação em jornal mesmo foi em 1916, com um famoso artigo sobre Minas, especialmente sobre a figura de Afonso Arinos. Infelizmente, do volume I dos Estudos Literários publicados em 1966 pela Aguilar, não consta o pseudônimo que assina este artigo, devendo ser ou o que adotaria sempre mais tarde, Tristão de Athayde, ou o de Fernando Telles. Mas em livro, só surgiria em 1922, exatamente sobre o grande mineiro Afonso Arinos. Pode-se notar já a essa época sua especial ternura para com a terra mineira, bastando lembrar que mais tarde, em 1945, publicou um livro especialmente sobre o nosso estado, que tem o

título de *Voz de Minas*, em edição comum pela Agir, e em edição de luxo, lançado no dia em que faria 90 anos, pela Academia Brasileira de Letras. Depois deste primeiro livro, publicaria uma enorme e preciosa obra, tendo numerosas reedições, até o último, que saiu após a sua morte, o admirável *Tudo é Mistério*. É muito difícil dizer qual o mais belo, ou o mais atraente, ou o mais importante, sobretudo por quem, no meu caso, pertence ao grupo de fiéis e incondicionais admiradores de Alceu Amoroso Lima. Em todo caso, podem ser destacados o já citado Afonso Arinos, os 6 volumes das 5 séries de Estudos, O Espírito e o Mundo; Idade, Sexo e Tempo; O Cardeal Leme; O Existencialismo e Outros Mitos do Nosso Tempo; Voz de Minas; O Crítico Literário (tese defendida e unanimemente aprovada pelos 5 examinadores do concurso para a cátedra de Literatura Brasileira na Faculdade Brasileira de Letras); Manhãs de São Lourenço; A Realidade Americana; Pela América do Norte; A Vida Sobrenatural e o Mundo Moderno, a coleção de 13 volumes, com os mais variados temas, sob o título comum de Ensaaios. Muitos destes foram traduzidos para o espanhol e francês. Registrem-se também as traduções, como Cristianismo e Democracia; Diário Secular, de Thomas Merton, O Cristo, de Georges Goyau, O Homem e o Estado, de Jacques Maritain, Tratado de Filosofia Moral, entre muitos outros, sendo que de alguns fez uma introdução tão importante quanto o próprio texto original. Em livros de menor tamanho, destaque especial para o seu Adeus à Disponibilidade, mais tarde publicado com o mesmo título acrescentado de e Outros Adeuses. Em revistas e quase todos os grandes jornais do país, publicou conferências e estudos esparsos. São notáveis os trabalhos que estão ainda à espera de divulgação definitiva. Vou lembrar apenas um, a conferência feita por ocasião do 4º Centenário de Cervantes, por mim doado a um dos primeiros números da revista publicada pela PUC de Belo Horizonte.

Conclui-se, desta relação muitíssimo resumida, que o estudo da obra de Alceu Amoroso Lima é amplo, exigindo um trabalho intenso da parte de quem tentar levá-lo a efeito.

Muito importante é a revisão que Alceu fez de várias atitudes por ele assumidas em face de tal ou qual problema. Ele mesmo chama a atenção para o fato no 2º prefácio do 1º volume de Estudos Literários, já citado. Acrescente-se a isto, que muitos livros seus não tinham o nome com que saíram. Sei, por exemplo, que José Olímpio deu o nome definitivo de Idade, Sexo e Tempo, que lhe tinha sido apresentado com o nome de Ensaios de Psicologia Condicionada, que o famoso editor lhe disse (isto me foi narrado por ele próprio) não ser o seu título original algo vendável.

Em um artigo publicado por Antônio Carlos Villaça no suplemento "Idéias/Ensaios" do "Jornal do Brasil", diz ele que Alceu "gostava de dividir tudo em três". Assim, dividia a sua própria vida muito longa

(morreu com quase 90 anos) em três fases — a das formas ou da primazia do estético, a das idéias ou do pensamento filosófico-religioso, a terceira, dos acontecimentos ou da maior participação político-social. Em outra parte do seu estudo, Villaça dizia que Alceu sempre teve “a capacidade de ouvir o outro lado, de acolher as razões do antagonista”. Foi daí que anotando o antagonismo que havia entre o modo de ser de Alceu com o de Jackson, que tive a idéia de dar o nome de Harmônica dos Contrastes à correspondência dos dois. Foi desta atitude, ressalta ainda Villaça, que resultaram opiniões nem sempre bem recebidas pelos integristas, como a de saudar o aparecimento dos Beatles, o entendimento do que havia de certo na contracultura e no tropicalismo. Foi disso afinal que foi ele capaz de ver o que havia de religioso em Pasolini, em geral, considerado sempre como um genial blasfemador.

No ano em que fez 80 anos, na famosa ida a Ouro Preto, para as comemorações do Grêmio Literário Tristão de Ataíde, ouvi dele um discurso em que abordou estes problemas levantados por Antônio Carlos Villaça, após a minha saudação, uma das muitas que lhe fiz, na já famosa reunião anual, uma das inúmeras a que compareceu, pois o Grêmio Literário sempre foi um dos mais fiéis, senão o mais fiel, dos grupos que levam o seu nome, e ele sempre recebeu carinhosamente uma recepção efusivamente simpática. Foi neste discurso que ele narrou as profundas alterações que ocorreram em sua vida. A primeira, de 1928 a 1938, na qual predominava quase totalmente a figura de Jackson de Figueiredo. A segunda, iniciada em 1938, quase à hora do início da Segunda Guerra Mundial, quando o mundo parecia dividido entre duas forças que chegaram a se chocar, envolvendo quase todo o mundo, terminando, inclusive com a explosão da bomba atômica, com a terrível destruição de Hiroshima. Finalmente, a terceira, que no Brasil, provocou a ditadura militar, com a qual Alceu chegou a ser bastante simpático, no início, mas da qual passou a ser o mais ardoroso combatente, levando a transformar-se, como ele próprio disse, de “jovem que fora velho” em “velho que se faz moço”. Terminava por dizer que, se antes tinha tido sempre, em relação às coisas vividas, uma visão retrospectiva, declarava-se no momento decidido a transformá-la em visão prospectiva. Foi das coisas mais belas e comovedoras que ouvi e um dos discursos mais marcantes da minha vida.

Terá nascido aí a famosa frase de Sobral Pinto: “Alceu foi o maior brasileiro deste século”. Não me lembro se ele usou o nome próprio, isto é, Alceu Amoroso Lima ou se o pseudônimo, já famosíssimo, Tristão de Ataíde. A origem deste pseudônimo é muito curiosa e foi por ele mesmo narrada num desses episódios que, como dizia Mário de Andrade, é gostoso de se conhecer. Quando Alceu surgiu como escritor contumaz, no primeiro número de “O Jornal”, começou por assinar Vasco de Athayde. Ao que me parece, este nome de Vasco nasceu, não só da importância de Vasco da Gama, da viagem de Portugal para a Índia,

como tenho a impressão (não a certeza) de se tratar de um personagem que marca profundamente os leitores como os Karamasov de Dostoievski, ou o Werther de Goethe, cidadíssimos nas cartas de Jackson e Alceu. Como o nome não lhe agradasse muito, Alceu trocou-o para o de Tristão de Athayde, pensando tratar-se de uma invenção de sua parte. Só bem mais tarde descobriu que havia um Tristão de Athayde, por sinal na história portuguesa das grandes navegações, um rufião da equipe de Vasco da Gama.

Embora proclamando a beleza da expressão de Sobral Pinto, ousou dizer que discordo dela. Alceu Amoroso Lima não foi apenas o maior brasileiro deste século, mas, muito mais do que isso: o maior brasileiro de todos os séculos.

Podem me considerar suspeito para tal definição, pela grande amizade que me unia àquela figura excepcional. Chegou a dizer-me em certa carta (infelizmente não posso mostrá-la porque a minha biblioteca e arquivo estão em completo caos, devido à total mudança de tudo o que tenho, mudança a que me vi obrigado recentemente), dizia que eu era verdadeiramente como “um filho de suas entranhas espirituais”. Assim, me tratava com fidelidade paternal. Mas não sou suspeito, porque ao orar por sua alma vem-me sempre à lembrança o 5º verso do Salmo 57, que aqui cito na tradução da Bíblia de Jerusalém:

Meu coração está firme, ó Deus
meu coração está firme;
eu quero cantar e tocar.
Desperta, glória minha,
desperta, cítara e harpa.
eu vou despertar a aurora!

Estamos relembando o 10º aniversário do falecimento de Alceu Amoroso Lima (14/15 de agosto) e vamos celebrar o centésimo aniversário de seu nascimento em 11 de dezembro de 1893.

Se seu coração estivera fraco algum tempo, adquiriu a força ao receber a segunda comunhão de sua vida. Cantou e tocou, não apenas a cítara e a harpa, mas muitos outros instrumentos, sempre imbuído da fé mais ardente, do trabalho pela dignidade humana, pela arte e pela cultura. Chegou-lhe a vez, não de despertar a aurora, mas de viver para sempre a magnífica beleza da aurora perene e eterna, na mais perfeita visão da face daquele “que move o sol e os outros astros”, do verso final do maior poema de todos os que já se leram, de autoria do “poeta divino”, conforme o chamou o grande papa Paulo VI.

Endereço do autor:

R. Paulo Simone, 110 / 101
30330-190 — Belo Horizonte — MG